

# VAMOS FALAR SOBRE AFRICANIDADE? UNIVERSIDADE, GEOGRAFIA E IDENTIDADE NUMA COMUNIDADE QUILOMBOLA AMAZÔNICA<sup>1</sup>

## LET'S TALK ABOUT AFRICANISTY? UNIVERSITY, GEOGRAPHY AND IDENTITY IN A QUILOMBOLA COMMUNITY AMAZON

Indira Cavalcante Rocha Marques<sup>2</sup>

Anna Thereza Correa Trindade<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo relata a experiência de um projeto da Faculdade de Geografia da UFPA/Belém, que desenvolveu ações junto ao território quilombola de Jambuaçu, no município de Moju, Pará. Espaço, território e lugar foram os conceitos geográficos que, associados às elaborações de Paulo Freire, se colocaram em diálogo com a realidade vivida pelos moradores locais para estimular os estudantes da comunidade a ressignificarem o olhar sobre sua identidade. Isso foi estruturado em torno de uma oficina cujos momentos centrais foram a dinâmica “Teia territorial da vida” e a gincana “Construa sua representação”. Ao final, os estudantes constataram que os diversos elementos da realidade local estão interligados, de modo que a interferência de um empreendimento mineral, por exemplo, pode alterar significativamente a dinâmica comunitária. Também perceberam a necessidade de valorização de sua identidade quilombola como parte da defesa de seu território.

---

<sup>1</sup> Este artigo toma como referência de partida outro trabalho, que será publicado em livro do projeto Pibid Geografia Belém (UFPA): Vamos falar sobre africanidade? Relato de experiência e reflexões do Pibid Geografia Belém, escrito por Indira Rocha Marques, Waldinei do Carmo de Souza, Nelson Gabriel da Silva Sindeaux e Anna Thereza Correa Trindade

<sup>2</sup> Doutora. Professora da Faculdade de Geografia e Cartografia da UFPA. E-mail: indiramarquesgeo@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Geografia – UFPA. E-mail: annactrindade@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** espaço. território. identidade quilombola. Pibid.

**Abstract:** The article reports the experience of a project of the Faculty of Geography at UFPA/Belém that developed actions in the quilombola territory of Jambuaçu, in the municipality of Moju, Pará, Brazil. Space, territory and place were the geographical concepts that, associated with the Paulo Freire's elaborations, put themselves in dialogue with the lived reality by the local residents to encourage students in the community to resignify the look on their identity. This was structured around a workshop whose central moments were the dynamic "Territorial web of life" and the "Build your representation". At the end, the students found out that the various elements of the local reality are interconnected, so that the interference of a mineral enterprise, for example, can significantly change the community dynamics. They also realized the need to appreciate their quilombola identity as part of the defense of their territory.

**Keywords:** space. territory. quilombola identity. Pibid.

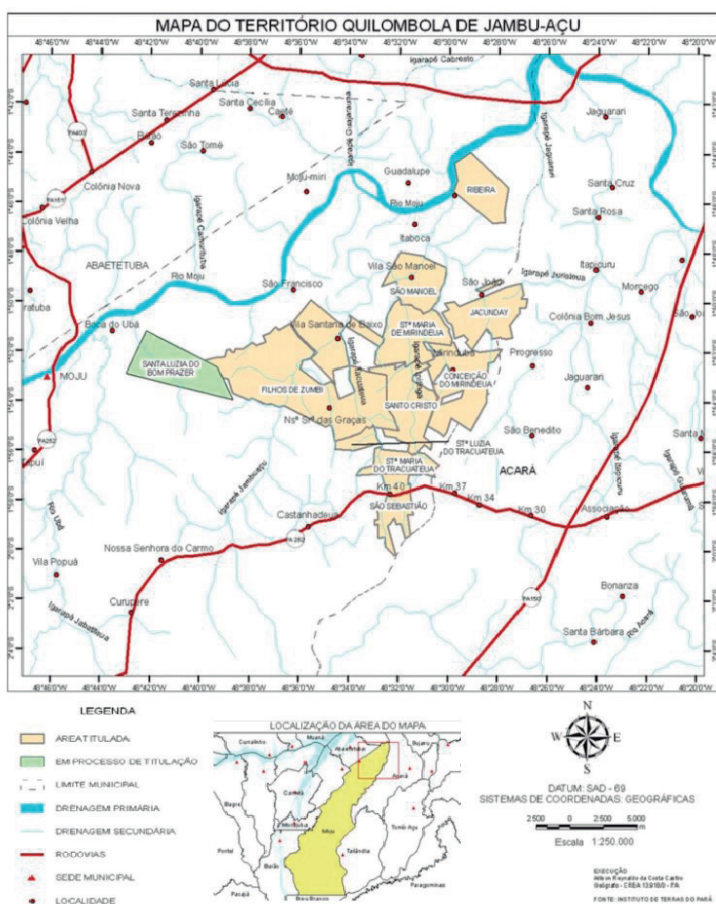
## 1 INTRODUÇÃO

As ciências sociais no Brasil foram sendo constituídas, mas reforçando uma grande lacuna expressa no silenciamento de povos indígenas e negros na nossa história. Esse silenciamento se apresenta pela quase ausência destes povos na historiografia do país, muitas vezes apresentados tão somente como um dado. Também se evidencia pela desconsideração do importante papel (ainda que sob diversas formas de opressão) que eles cumpriram na constituição do que hoje chamamos de Brasil.

O silenciamento, de algum modo, expressa os séculos de submissão forçada que contribuíram decisivamente para a constituição do Capitalismo em escala mundial, pois produziram riquezas que migraram para as metrópoles europeias, conformando uma acumulação primitiva de capital, fundamental para a formação e consolidação do novo modo de produção que substituiu o Feudalismo (MARX, 1988). A submissão e o silenciamento foram tão profundos que levaram grande parte da população indígena e negra a perder sua identidade, ou pelo menos, importantes traços da mesma.

Neste artigo, temos como pano de fundo esse silenciamento e a perda de identidade, mas especificamente nas ações desenvolvidas junto a uma comunidade negra do interior amazônico. O território quilombola de Jambuaçu fica às margens do rio de mesmo nome, afluente maior de outro curso d'água, o rio Moju, que nomeia o município que o abriga. Distante 257 km da capital paraense, o município fica na mesorregião Nordeste paraense (Figura 1).

**Figura 1** – Mapa do território quilombola de Jambuaçu



Fonte: Iterpa 2010.

O processo de colonização da região onde fica o município refletiu, em linhas gerais, o processo de ocupação da Amazônia: tomada do território dos povos originários, violência, apropriação agressiva dos recursos naturais locais e miscigenação forçada. A partir da segunda metade do século XX, a Amazônia brasileira passou a abrigar a construção de rodovias e grandes empreendimentos energético-minerais, com profundos impactos sobre os territórios e seus povos. Entre os de maior visibilidade temos a construção da UHE Tucuruí e os projetos de extração de minérios conduzidos pela mineradora Vale (MARQUES, 2019).

Na região do rio Moju, desde os séculos XVIII e XIX foram instaladas grandes plantações de cana-de-açúcar. Posteriormente, outras atividades, como o gado e o dendê, ganharam mais evidência, particularmente a partir de meados da segunda metade do século XX. No vale do Jambuaçu, a 25 km da sede municipal, encontra-se um território formado por 15 comunidades autoidentificadas como quilombolas. Não se tem precisão sobre sua origem. Provavelmente, uma parte da população e das comunidades decorre de povos indígenas locais e de trabalhadores e trabalhadoras africanas levadas à região para trabalhar escravizadas nas atividades produtivas.<sup>4</sup> Outra parcela é originária de pessoas moradoras do próprio município e de outras regiões que migraram para o vale. As atividades desenvolvidas são agricultura de subsistência, extrativismo de frutas, a caça e a produção de farinha.

Fosse nos primeiros séculos ou nas últimas décadas, a história do território quilombola de Jambuaçu é marcada pela resistência de sua comunidade, ainda que isso não seja tão evidente para todos os seus membros. Nos anos 1980 o enfrentamento foi contra as empresas produtoras de dendê Reasa e, posteriormente, Marborges, que invadiam o território, se apropriando de terras comunitárias para projetos privados (PROJETO, 2007).

---

<sup>4</sup> Pereira (2008), a partir de entrevistas com os mais idosos, estimou que comunidades em Jambuaçu existem há pelo menos 130 anos (tendo como referência o ano de 2018).

A partir de 2004, a mineradora Vale (antiga Companhia Vale do Rio Doce) iniciou a construção de minerodutos para transporte de caulim e bauxita para Barcarena-PA. Eles atravessaram o território quilombola de Jambuaçu. O mesmo ocorreu com a linha de transmissão de energia elétrica para o complexo industrial minerário instalado na mesma cidade. Isso provocou impactos socioambientais: derramamento de caulim, contaminando os lençóis freáticos e cursos d'água; derrubada de parte da floresta (incluindo castanheiras); e comprometimento das roças dos moradores. Por conta disso, a comunidade enfrentou a companhia minerária exigindo reparações (FONSECA, 2011).

Fruto da organização das comunidades locais, a partir de 2001 se iniciou a titulação das terras quilombolas de Jambuaçu, totalizando 15 comunidades, legalmente representadas por 11 associações, das quais sete já possuem o título de domínio coletivo das terras, por meio da Lei Estadual nº 168/98 e Decreto Estadual nº 3.572/99 – fundamentados no que estabelece o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 1988.

O trabalho que aqui apresentamos parte dessa trajetória histórica das comunidades de Jambuaçu e aborda a experiência de ensino, pesquisa e extensão desenvolvida pelo Pibid Geografia UFPA-Belém na Escola Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto, de ensino fundamental e localizada na comunidade Nossa Senhora das Graças, no território quilombola em questão.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é uma política pública educacional, criada em 2009, voltada à valorização da formação inicial dos licenciandos, sob a administração da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O programa proporciona a aproximação entre a universidade e a educação básica com o objetivo de inserir o graduando no ambiente de atuação profissional antes dele completar sua formação. De modo geral, o Pibid busca a articulação entre teoria e prática, entre os saberes da educação básica e os saberes

da academia, favorecendo, portanto, a elevação da qualidade da formação docente (COORDENAÇÃO, 2010).

O primeiro edital Pibid aprovado na UFPA foi em 2009. Desde então, a UFPA vem atuando no Programa. Ele é constituído como um projeto institucional, composto por subprojetos das licenciaturas. Cada subprojeto se compõe com um coordenador de área e um supervisor da educação básica, além de coordenadores e supervisores voluntários. Todos trabalham em ações desenvolvidas na escola pelos bolsistas licenciandos. São realizadas reuniões periódicas no intuito de discutir, socializar, elaborar e implementar ações na escola básica, embasadas em referenciais teórico-metodológicos que auxiliem na construção de caminhos que superem as práticas de ensino tradicionais de memorização. É nesse contexto que se insere o subprojeto Pibid Geografia Belém/UFPA.

À exceção dos voluntários, toda a equipe deveria receber um auxílio financeiro, recurso de extrema importância para a manutenção e a permanência dos licenciandos na universidade. Mas os cortes de verbas federais e a transferência de parte dos recursos do programa nacional para faculdades privadas implicaram em mudanças severas em sua estrutura, diminuindo sua capacidade de atuação. Inicialmente, cada subprojeto contava com bolsas para 1 coordenador, 3 supervisores e 24 licenciandos.

No edital atual (2020), para que o projeto não ficasse muito comprometido, reduzido ou se encerrasse, processou-se um rearranjo na UFPA. Na prática, o coordenador de área passou a não receber bols<sup>5</sup> e o número de bolsas dos supervisores e licenciandos foi reduzido a 1 e 8, respectivamente.

A organização do trabalho pedagógico teve por temática problematizar o cotidiano vivido dos alunos (lugar onde se mora, circula e vive), destacando sua identidade territorial quilombola. Para a ação pedagógica, o ponto de partida foi a relação entre a cultura afro-brasileira

---

<sup>5</sup> Em um ano e meio de projeto, o coordenador de área recebe bolsa por apenas seis meses, isto se não ocorrerem novos cortes orçamentários.

(e africana) e o ensino de geografia. Frente a isso, lançamos as seguintes questões: quais são as possibilidades de intervenção metodológica para se desenvolver tal temática? Como estabelecer o diálogo entre a temática cultural, identidade quilombola e a Geografia? Como estabelecer a relação entre teoria e prática?

Essas questões nortearam as ações da Geografia UFPA Belém em Jambuaçu e também servem de guias para este artigo, cujo foco principal é registrar a experiência, suas problematizações e resultados.

## **2 INQUIETAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A AÇÃO DIDÁTICO- PEDAGÓGICA**

Diante das questões levantadas, a organização do trabalho pedagógico da equipe Pibid Geografia Belém ocorreu da seguinte forma: 1) estudo e sistematização de referenciais teóricos capazes de orientar a prática docente, no sentido de ressignificar tanto a visão do ensino de Geografia como algo mecânico, quanto a visão de inferioridade da cultura africana – problematizando e valorizando-os; 2) elaboração de material didático para a ação pedagógica; 3) construção de diálogo teórico entre a cultura africana e o ensino de Geografia.

O resultado deste movimento foi a proposta de intervenção, com base em uma oficina denominada “Vamos falar sobre africanidade?”. A proposta foi construída no diálogo entre os conhecimentos pedagógicos e os conteúdos disciplinares, tendo como princípio a inter-relação entre teoria e prática, num movimento sempre investigativo e reflexivo da prática. Os bolsistas se apropriaram dos conteúdos, e, com base neles, elaboraram um caminho pedagógico, num processo constante de desconstrução e reconstrução de conhecimento. O referencial teórico que orientou a nossa prática docente se sustentou, de modo geral, no pensamento de Paulo Freire, Milton Santos, Lana Cavalcanti, Rogério Haesbaert, entre outros autores.

Compreende-se que vivemos numa sociedade marcada pela desigualdade, cuja razão maior está na contradição que opõe o capital ao trabalho. Esta oposição se sustenta na propriedade privada dos grandes meios de produção (MARX, 1988) e leva à apropriação do trabalho excedente do trabalhador direto. Ela se configura como a fonte principal de geração das contradições sociais e, direta ou indiretamente, atua até mesmo nas relações em que não ocorre assalariamento direto.

Partindo dessa compreensão, buscou-se superar interpretações dicotômicas da relação sociedade e natureza. Em linhas gerais, no capitalismo a natureza foi tomada tão somente como um dado, um recurso a ser apropriado. Ela foi concebida como uma adversária a ser vencida. Assim, o tempo ditado pela lógica do lucro assumiu uma velocidade muito superior ao tempo da natureza de se recompor, gerando a problemática ambiental atual.

Altwater (1995) traz para a discussão a interdependência entre sociedade e natureza ao problematizar a questão ambiental como indissociável da questão social, onde a sociedade industrial capitalista gera uma crise civilizatória, que se expressa no alto grau de entropismo natural e social, ressaltando que a sociedade industrial capitalista destrói a multiplicidade das espécies, fazendo com que o ambiente natural fique mais uniforme, tornando mais sensível a choques externos. Neste sentido, a problemática ambiental tensiona a sociedade como um todo, exigindo mudanças no modo de pensar, produzir, e agir atuais.

Cada vez mais, necessitamos de uma interpretação complexa do mundo e de seus fenômenos, interrelações, conexões e dinâmicas. A sociedade não pode ser concebida à parte da natureza. Sustentado em Marx, Bensaid (1999) destaca que a exploração natureza passa pela relação dos homens entre si e se baseia na busca ampliada pelo lucro, pela alienação do trabalho e pela exploração exacerbada do meio ambiente. Isso revela não só a interrelação entre sociedade e natureza, mas a incompatibilidade desta relação imposta pela lógica insustentável da sociedade capitalista.



Para o autor, a solução da questão ambiental exige o rompimento com a lógica da racionalidade do capital.

Esse referencial teórico, tomado como ponto de partida, sustenta o diálogo que propomos à geografia no campo da educação e é enriquecido por outras contribuições. A concepção de Freire (2005) entende o ser humano como um ser histórico, que se faz na história; um ser inacabado, que está sempre se fazendo na relação com o mundo e com os outros; que intervindo no mundo, conhece o mundo. Dessa maneira, o mundo não é apenas um suporte natural para a vida, mas o lugar onde a vida acontece, ou seja, onde o ser humano faz história. O mundo é o lugar da existência das relações, tanto dos homens entre si como destes com o mundo natural. No pensamento freiriano o conhecimento precisa ser engajado e conectado à realidade do aluno. É nesse movimento que o aluno vai se percebendo como sujeito transformador da realidade, como um ser político pela sua presença no mundo.

Segundo Freire (2005), a dimensão formativa do ser humano tem relação direta com a transitividade da “curiosidade ingênua” a “curiosidade epistemológica”, esse processo é denominado de conscientização, onde a curiosidade ao se criticizar, não deixa de ser curiosidade, apenas muda de qualidade, mas não de essência. Conhecer não é memorização, mas apreender o apreendido, reinventar o já sabido, e acima de tudo aplica este conhecimento na realidade concreta. Os saberes socialmente construídos na prática comunitária dos alunos, não só devem ser respeitados como devem dialogar com os conteúdos apresentados pelo professor. O mundo é o suporte da vida, é mediador do processo educativo. Nessa linha de reflexão o ato de ensinar demanda o diálogo entre os saberes curriculares e a experiência social do aluno.

Nesses termos, fez-se necessário problematizar quem eram os educandos com quem iríamos trabalhar? Qual a sua história, seus saberes, sua cultura, suas lutas? Com isso, objetivamos resgatar a história do território quilombola de Jambuaçu e, ao mesmo tempo, desconstruir a visão negativa

e inferiorizante da história do povo africano. Como desdobramento, buscou-se reconstruir sua longa história de resistência e luta como um elemento de fortalecimento da identidade e das comunidades. Esse foi um dos caminhos escolhidos para ser abordado pelo Pibid.

A análise do espaço geográfico em diálogo com a identidade cultural quilombola foi sustentada nas interpretações de Santos (2008). Para este autor, o espaço é a soma indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações, ou seja, o espaço não existe sem a materialidade. Mas ele (o espaço) não deve ser reduzido à sua dimensão material. É o uso social que transforma os objetos em espaço, ou seja, são as ações que animam as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo. Para se entender o espaço geográfico, apoiados nesta concepção, devemos considerar a interdependência e a inseparabilidade entre os objetos e as ações (uso humano).

Segundo Santos (2008), a relação entre os sistemas de objetos e sistemas de ações modifica o próprio espaço em diferentes escalas, do global ao local. Cada lugar é ao mesmo tempo objeto de uma dinâmica global e de uma dinâmica local, convivendo dialeticamente. É no lugar que o ser humano realiza suas atividades, sua história, sua cultura, a partir da sinergia homem e natureza. O lugar também pode ser abordado pelas relações humanas de poder, assumindo uma condição de território.

Segundo Haesbaert (2002), o território é o ambiente onde um grupo constrói padrões de interação social, seus hábitos, seu modo de vida, sua história no espaço, ou seja, apropriam-se de um território concreta e simbolicamente – destacando o elo indissociável entre território e identidade. A identidade é a marcação da diferença. É o cruzamento entre nós e o outro, entre inclusão e exclusão, quem pertence e quem não pertence, pois na construção da identidade constrói-se a diferença, isso destaca o caráter permanentemente relacional da construção da identidade, sempre produzida na relação indissociável com o outro (FEATHERSTONE, 1996; ARAÚJO; HAESBART, 2007).

Assim, no projeto em questão, abordamos o “uso” do espaço a partir da categoria território, em sua dimensão material e simbólica. Entendemos que o uso do território não é neutro. Ao contrário. Ele revela poder, interesses e projetos societários distintos e na maioria das vezes conflituosos.

A intervenção didática da análise do espaço foi iniciada a partir de sua materialidade. Observamos a paisagem, em sua dimensão físico-material que é a realidade cotidiana percebida pelo próprio aluno. Com base nisso, buscamos entender os diferentes conteúdos da paisagem, isto é, os processos de uso do território. Esse movimento pedagógico, partindo da paisagem, não representou um movimento dicotômico da análise do espaço, pois este é entendido em sua totalidade, de forma sistêmica, e não de forma isolada.

Assim, a análise dos diferentes usos do território, ocorreu a partir da observação empírica das atividades desenvolvidas pela comunidade do território quilombola de Jambuaçu e pela Vale. Os diferentes usos, seus conteúdos, foram trabalhados por meio da dinâmica “Teia territorial da vida”. Com ela se procurou evidenciar que tudo está interligado e que a alteração em um dos elementos pode comprometer o sistema como um todo. A dinâmica em si não foi uma construção original do Pibid geografia, mas uma readequação de outra já existente.

A dinâmica original, nominada como “Teia da vida”, tem outro conteúdo, muito usada em intervenções de educação ambiental. Partiu-se dessa primeira versão, que foi reorganizada com base nos objetivos e nos pressupostos teórico-metodológicos trabalhados pelo Pibid Geografia Belém. Assim, a Teia territorial da vida se constitui numa outra dinâmica, com objetivos e conteúdos novos.

Como síntese prática dos nossos pressupostos, a complexidade sistêmica da biodiversidade da Amazônia foi abordada evidenciando a relação entre os diferentes atores sociais entre si e com a natureza, assim como o resultado dessas relações na sociedade amazônica.

### 3 METODOLOGIA: DINÂMICA DE GRUPO E GINCANA TENDO COMO BASE CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA REPENSAR A IDENTIDADE

A oficina foi iniciada com apresentação de todos os presentes, tanto ministrantes como participantes, num movimento de autoapresentação coletiva por meio de uma roda de diálogo (Figura 2). Esse momento teve também por objetivo perceber qual a visão que os alunos tinham de sua comunidade, com base na identidade quilombola. De modo geral, foi possível constatar entre os alunos certo incômodo em se identificar como quilombola. Historicamente, a identidade quilombola foi associada à imagem negativa de inferioridade da cultura africana. Esse era o desafio da equipe Pibid: oferecer atividades reflexivas que possibilitassem ressignificar o olhar sobre a cultura africana, destacando sua importância na garantia e defesa do território quilombola.

**Figura 2** – Autoapresentação dos participantes



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

A oficina foi estruturada metodologicamente em três momentos interligados:

i. Exposição audiovisual: utilização de vídeo contendo imagens e músicas que resgatam a cultura da África, seus valores e, principalmente, tornam visíveis a história de resistência do povo africano. Mudar a direção do olhar, ressignificando as formas inferiorizantes de pensar a história, a cultura, os valores desse povo, mostrou-se um importante recurso pedagógico de reafirmação da identidade quilombola;

ii. Dinâmica “Teia territorial da vida”: teve por objetivo evidenciar a complexidade sistêmica socioambiental presente no espaço geográfico, indicando que o espaço é heterogêneo, tanto em sua dimensão geofísica, quanto em seus processos de territorialização (os diferentes usos do território). O uso diferenciado do território pelos distintos atores sociais (comunidade quilombola e empreendimento mineral) revela a disputa de projetos antagônicos, assim como o conflito. Possibilitou-se, dessa forma, que o aluno entendesse, com base nos seus conhecimentos de mundo, todo o cenário em que está incluso – condição necessária para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a sua realidade;

iii. Gincana: na atividade *Construa a sua representação!* foi realizada a análise reflexiva sobre a música “Quadro Negro” do grupo de rap “Simples Rap’ortagem”. Esse momento teve por objetivo fazer com que os alunos produzissem uma reflexão sobre sua representação (sua identidade territorial). Para tal, recorreu-se a diferentes formas de expressão: poesia, música, peça de teatro, produção de texto, cartazes. A ação teve como base o princípio da interrelação entre teoria e prática, num movimento sempre investigativo e reflexivo da realidade. Os alunos se apropriaram dos conteúdos e, com base neles, elaboraram a sua própria compreensão da realidade.

Como foi desenvolvida a dinâmica? Os alunos se organizaram em círculo. Cada um segurava uma parte de um barbante que foi sendo entrelaçado (de modo a reproduzir a ideia de um traçado feito por aranha), formando uma grande teia (Figura 3), na qual cada ponto se conectou

aos demais. Cada participante era um ponto. Conjuntamente, cada aluno recebeu um pedaço de papel com temas referentes ao meio socioambiental da comunidade (mineradora Vale, floresta, ações sobre o território, mineroduto, etc.). Então, os participantes foram convidados a falar de determinados temas/fenômenos/processos que estavam escritos no papel em suas mãos. Se o que eles relatavam alterasse negativamente a dinâmica e as relações na comunidade, quem estava falando deveria soltar o barbante.

**Figura 3** – Dinâmica “teia territorial da vida”



**Fonte:** Pibid Geografia Belém, 2017.

A primeira rodada de depoimentos incluiu temas diversos da vida da comunidade, mas sem incluir a mineradora. O que se observou foi pouca ou nenhuma alteração da teia. Os educandos constataram isso, mas também como as coisas estavam interconectadas: comunidade (sociedade) e natureza. Perceberam como a produção econômica da comunidade tinha como objetivo a reprodução de sua vida e como nessa reprodução sua cultura era presente: crenças religiosas, festas locais, identidade de uma comunidade negra etc. O espaço foi, dessa forma, compreendido não apenas na sua dimensão material, mas também simbólica. No exercício da dinâmica, a equipe trabalhou os conceitos geográficos a partir do cotidiano vivido dos alunos.

Na segunda rodada de depoimentos, os temas voltaram a ser abordados, mas dessa vez com a presença da mineradora. No tema da floresta, por exemplo, os estudantes reafirmaram a importância da floresta para eles, mas ao relatar isso evidenciaram que as ações da mineradora estavam prejudicando a natureza local e a reprodução da vida comunitária. Constatado isso, quem estava falando sobre a floresta soltou o fio. Acontece que esse ponto, representado pelo aluno, estava conectado a outras pontas. Ao se soltar esse ponto, a tensão (força) do barbante se alterou para os demais, ou pelo menos para alguns.

Resultado: a teia e sua dinâmica eram modificadas com base na ação de um de seus membros. As alterações no fio correspondiam às ações presentes no território quilombola que modificavam a sua dinâmica, causando problemas socioambientais e comprometendo a reprodução da vida da comunidade.

A dinâmica possibilitou dialogar com os alunos a respeito de seu modo de vida, sua cultura e sua relação com seu território. Ficou destacado o conflito entre os quilombolas, a Vale e o Estado gerado pela presença de empreendimento mineral nas comunidades em função dos minerodutos e do linhão de transmissão de energia. A dinâmica, ademais, possibilitou um novo olhar sobre a cultura quilombola, resgatando sua história de resistência, como forma de se contrapor a tais projetos em defesa de seu território. Isso foi observado com base no registro das diversas questões apresentadas pelos alunos:

- “A Vale vem poluindo a água de toda a comunidade. Não podemos mais aproveitar os igarapés como antes. Hoje estão poluídos”;
- “A Vale impactou nossas estradas, hoje muito esburacadas, praticamente impossibilitando o escoamento dos nossos produtos”;
- “Tem a Vale que implantou tubulações [mineroduto] sem conversar com a gente, invadindo a nossa terra, desmatando e poluindo os igarapés”;
- “Com essa empresa na nossa terra, somos obrigados a conviver com água suja e poluída”;

- “Agora tem o linhão de transmissão da Vale [atual Albrás-Alunorte/Hydro], que vem acabar com tudo, cortando todo o território”.

Na parte final da oficina foi realizada uma gincana com os alunos intitulada “Construa a sua representação!”. A música escolhida aborda temas como: racismo, discriminação e criminalidade contra afro-brasileiros. Os alunos organizados em grupos (Figura 4), receberam fragmentos da música. A tarefa a ser desenvolvida por eles era, com base na letra musical, construir uma interpretação da sua identidade. A equipe Pibid, por meio de uma apresentação teatral (Figura 5) também expôs a sua interpretação da música. Durante a construção da representação dos alunos, a música ficou tocando, para que eles pudessem ouvi-la em sua totalidade.

**Figura 4** – Alunos construindo suas representações



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

**Figura 5** – Peça teatral da equipe Pibid



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.



A parte final da oficina, denominada de gincana “Construa a sua representação”, refletiu a culminância de todo o trabalho desenvolvido pelo Pibid. Houve grande interação e receptividade dos alunos aos objetivos e metodologia propostos. Eles produziram reflexões de ações afirmativas de sua identidade quilombola expressas de diferentes formas: encenação teatral, cartazes, música rap e poesia. Independente da forma escolhida, a atividade foi muito produtiva, não só pelas diferentes formas de expressões apresentadas pelos alunos, mas, principalmente, pelo movimento de ressignificação de sua identidade. Percebeu-se diferentes formas negativas e inferiorizantes em que sua identidade e seu território estão submetidos. Com base nessa percepção, buscou-se construir ações de reafirmação e resistência, expressando um processo de construção de conhecimento reflexivo sobre sua realidade.

A construção e a apresentação dos cartazes (Figura 6), de modo geral, destacou os saberes do povo africano: “Povo africano uma das civilizações mais avançadas do passado. Então, por que negam nossa identidade e nossa história? Será quem não sabem que o Egito se localiza no continente africano?”. Outro exemplo de posicionamento presente nos cartazes foi o de autoafirmação de sua identidade e combate ao racismo.

**Figura 6** – Representação da música por meio de desenhos



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

A apresentação da peça teatral também teve como tema central o racismo (Figura 7). Foi possível observar a afirmação da identidade, que na figura a seguir pode ser visualizada por um dos alunos usando vestimenta relacionada à cultura africana – que na trama elaborada por eles sofria diversas formas de preconceito e discriminação.

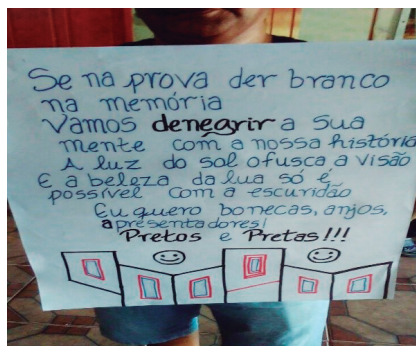
**Figura 7** – Peça teatral realizada pelos alunos



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

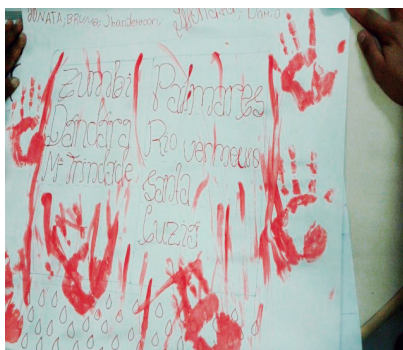
As Figuras 8 e 9 apresentam reações dos educandos em relação ao racismo e à valorização da identidade negra.

**Figura 8** – Cartaz reivindicando a presença negra: visibilizar os invisibilizados



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

**Figura 9** – Exaltação a lideranças históricas negras



Fonte: Pibid Geografia Belém, 2017.

Com a dinâmica teia territorial da vida, destacamos a inseparabilidade entre as diversas dimensões que compõem o sistema: biodiversidade, simbólica e de poder, por exemplo. Afora isso, os alunos evidenciaram o “nós” e o “outro”, revelando não só as fronteiras concretas entre os atores sociais, mas, principalmente, os conflitos existentes no espaço e a necessidade da resistência e afirmação da identidade territorial quilombola como instrumento de defesa do território.

A compreensão de usos diferentes do território ajudou a reconhecer as diferenças de produção da vida, de valores, de culturas e de padrões de apropriação e de exploração da natureza e do trabalho. Também se configurou como um instrumento pedagógico valioso para o processo de desconstrução e reconstrução da identidade territorial quilombola com base nas próprias memórias. Mais que isso: evidenciou a importância de se apropriar da sua história, compreendendo sua luta, como parte integrante da defesa e da garantia de seus direitos pelo território. Além disso, concordando com Cavalcanti (2005) e Castrogiovanni, Callai, e Kaercher (2012), possibilitou a compreensão do conceito de espaço geográfico como a soma indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações, reforçando a importância pedagógica de se trabalhar com a realidade concreta do educando como parte integrante da construção de conceitos geográficos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade realizada pelo Pibid Geografia em Jambuaçu foi bastante exitosa, mas sabemos que uma dinâmica apenas, e executada em um único dia, é pouco para mudar toda uma trajetória de invisibilização e descriminalização de um povo. Ainda assim, acreditamos que foi importante para um movimento de despertar, que caminhe no sentido de fazer os moradores locais valorizarem sua identidade e história quilombola. Dessa forma, a universidade pública estará cumprindo sua função social,

e o conhecimento estimulará uma visão crítica do mundo – condição fundamental para a superação das mais diversas formas de opressão.

Para a equipe Píbid, o diálogo entre cultura quilombola, conceitos da Geografia e cotidiano dos estudantes se mostrou um caminho metodológico fecundo a estimular os alunos a buscar conhecimentos geográficos reflexivos.

Sem dúvida, todo período de preparação da oficina, desde o pensar, planejar até o executar se mostrou um importante laboratório de troca de experiências e conhecimentos para todos os envolvidos. Proporcionou uma reflexão crítica sobre a importância de se pensar o ensino como um processo contínuo de pesquisa, na indissociabilidade entre teoria e prática.

Toda a experiência de integração de saberes, vivenciada na oficina, entre professores, bolsistas e alunos da comunidade quilombola de Jambuaçu nos deixou uma certeza: que ninguém forma o outro, mas todos se formam conjuntamente. Assim, concordando com Paulo Freire (2005), o conhecimento se constrói na comunhão com o outro, na história que vivemos e construímos, enquanto ser social histórico.

## REFERÊNCIAS

ALTVATER, Elmar. **O preço da riqueza**. São Paulo: Unesp, 1995.

ARAÚJO, Frederico; HAESBAERT, Rogério (org.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

BENSAID, Daniel. **Marx o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (século XIX e XX)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. CEDES** [online], v. 25, n. 66, p.185-207, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid = S0101-32622005000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 24 mar. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Edital conjunto nº 002/2010/CAPES/SECAD-MEC: PIBID DIVERSIDADE**. Brasília: CAPES; MEC, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/edital002-2010-capessecad-pibidiversidade-pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. **Revista Sociedade e Estado**, v. 10, n. 1, p. 9-42, jan./jul. 1996.

FONSECA, Haydé Borges. **Quilombolas de Jambuaçu: seus saberes e educação como fator de politização e identidade**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

MARQUES, Gilberto de Souza. **Amazônia: riqueza, degradação e saque**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PEREIRA, Carmela Morena Zigoni. **Conflitos e identidades do passado e do presente: política e tradição em um quilombo na Amazônia**. 130 f. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Brasília, DF, 2008.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA (PNCSA). **Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil:** quilombolas de Jambuaçu-Moju. Pará. Brasília: PNCSA, 2007. (Fascículo 3).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.

Texto submetido em 12.04.2021.  
Aceito para publicação em 18.06.2021.